Comunicação e seu Processo: reflexões sobre uma experiência com o rádio em sala de aula[1]

Rosa Luciana Pereira RODRIGUES[2]
Instituto Esperança de Ensino Superior, IESPES
Faculdades Integradas do Tapajós, FIT

RESUMO

Este artigo traz reflexões sobre o processo comunicacional com o uso do rádio em sala de aula em escolas de Santarém-Pa. Além de pesquisa bibliográfica e documental, utilizou-se da técnica de observação para entender a dinâmica do processo comunicacional entre a produção do programa de rádio voltado para as escolas e o que acontece em sala de aula. Analisou-se a partir de quatro aspectos: os agentes do processo; escuta individualizada na sala de aula; professores como mediadores e perspectiva dialógica. Percebeu-se que o rádio atua como agente de socialização, configurando novas dinâmicas nas interações entre professores, alunos, comunidade e sociedade, em um movimento contínuo a partir dos elementos desse processo comunicacional e dos demais processos que se constroem a partir desse movimento.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Educação; Rádio; Processo Comunicacional.

INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta algumas reflexões sobre o processo comunicacional desenvolvido a partir de uma experiência com o uso do rádio em sala de aula em escolas públicas municipais de Santarém, município do Baixo Amazonas paraense. Há 14 anos, o Projeto Rádio pela Educação – PRPE – é desenvolvido pela Rádio Rural de Santarém[3] em parceria com a Secretaria Municipal de Educação.

O projeto tem se tornado referência no âmbito educacional e chama a atenção pelo uso do rádio em tempos de crescimento da interatividade midiática por meio da internet. No último relatório do projeto, de 2012, os dados apontam que o Rádio pela Educação envolve 76

[1] Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Mestra em Ciências da Comunicação, Jornalista, professora acadêmica dos cursos de Jornalismo e Publicidade no Instituto Esperança de Ensino Superior e nas Faculdades Integradas do Tapajós; email: rosalu29@gmail.com.

[3] A Rádio Rural de Santarém, com 49 anos, é uma emissora de rádio tradicional na região com referência em práticas educacionais. Iniciou suas atividades na década de 60 implantando as aulas radiofônicas do Movimento de Educação de Base, projeto desenvolvido no país pela Igreja Católica, alfabetizando jovens e adultos que não tinham acesso à educação oferecida pelo Estado, principalmente em áreas do campo.

escolas municipais de Santarém, sendo que 90% delas estão no campo, a grande maioria em regiões ribeirinhas. Desse universo fazem parte 350 professores e 10.462 estudantes do ensino fundamental que vivem em espaços diversificados, típicos dos ambientes amazônicos. Vale considerar que esse número corresponde a diversas ações do projeto, como a implantação de rádios nas escolas e a utilização de um programa de rádio em sala de aula, sendo esta última o foco principal deste trabalho.

Além do suporte teórico quanto à comunicação e seu processo, para esta abordagem foi necessário um período de observação na produção do programa de rádio e em salas de aulas, onde os alunos participam do projeto. Também se buscou analisar documentos e produções impressas do PRPE. O objetivo principal foi entender a dinâmica que envolve o processo comunicacional a partir da produção de um programa de rádio voltado para alunos nas escolas e o que acontece na sala de aula a partir deste.

1 COMUNICAÇÃO E SEU PROCESSO

Para esta abordagem, faz-se referência ao entendimento de comunicação difundido por Mário Kaplún em seu livro *Una pedagogia de la comunicación* (1998), no qual ele aponta as dimensões básicas de uma comunicação social democrática. Segundo ele, em primeiro lugar, "ha de estar al servicio de un proceso educativo transformador, en el cual los sujetos destinatarios vayan comprendiendo críticamente su realidad y adquiriendo instrumentos para transformarla" (KAPLÚN, 1998, p. 67).

Ainda nesse livro, o autor discorre sobre o sentido de comunicação a partir de duas interpretações. Numa primeira, o verbo comunicar diz respeito ao ato de informar, de transmitir. A segunda, mais antiga de acordo com o Kaplún, refere-se ao diálogo, ao intercâmbio, à troca, a uma relação de reciprocidade que parte do sentido da raiz latina *communis* – dispor algo em comum com outro.

Ao longo dos tempos, viu-se desenvolver o conceito de comunicação na sociedade numa perspectiva que privilegia, principalmente, a primeira interpretação, sendo que "Así, en lugar de partir de las relaciones humanas, fueron la técnica, la ingeniería, la electrónica — y las poderosas empresas propietarias de los medios— los que impulsaron la forma de concebir la comunicacion"(KAPLÚN, 1998, p. 60-61). E isso se deu, de forma particular, com a expansão dos meios de comunicação que tiveram no termo "comunicação social" uma forma de legitimar sua ação. Com essa apropriação, os meios se tornaram "paradigma da comunicação" numa apologia mais voltada à difusão de informações.

Mesmo com essa crescente interpretação limitada da comunicação somente a partir das engenharias tecnológicas, há inúmeras abordagens que apontam caminhos para o entendimento da comunicação a partir das relações humanas, da interação dialógica, que deve haver entre as pessoas nas suas diversas experiências em sociedade.

Nas reflexões de Paulo Freire vislumbra-se uma comunicação que não se limita à ação de difundir conhecimentos, informações, que vai além da transmissão de ideias. É uma comunicação que acontece no compartilhamento, no pensamento conjunto, na construção recíproca envolvendo os sujeitos num movimento que leva ao pensamento constituído numa ação que não pode ser isolada. De acordo com esse educador, "todo ato de pensar exige um sujeito que pensa, um objeto pensado, que mediatiza o primeiro sujeito do segundo, e a comunicação entre ambos" (FREIRE, 1985, p. 44).

Como o mundo humano é um mundo de comunicação, todo ato de pensar, que se constitui em um ato de comunicação, precisa ser reconhecido a partir da necessidade de ter a presença fundamental do segundo sujeito que tem o papel de co-pensante do objeto pensado pelo primeiro sujeito. E isso significa, então, que, necessariamente, a comunicação se dá com a co-participação dos sujeitos em um processo comunicacional, e não apenas na emissão de informações por parte de um polo que vai depositá-las em outro polo considerado de receptores inertes ao processo.

> O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a co-participação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um "penso", mas um "pensamos". É o "pensamos que estabelece o "penso" e não o contrário.
> Esta co-participação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação. O objetivo, por isto mesmo, não é a incidência terminativa do pensamento de um sujeito, mas o mediatizador da comunicação (FREIRE, 1985, p. 45).

Quando um sujeito apenas visa depositar seu pensamento em outro sujeito, aquele transforma este em paciente de seus comunicados. Sendo assim, de acordo com Freire (1985, p. 45), não há comunicação porque esta "implica numa reciprocidade que não pode ser rompida", na qual não existem sujeitos passivos, mas sim sujeitos co-participantes. "O que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo", portanto, exige a presença do outro como sujeito ativo num processo de participação.

Com isso, entende-se que a comunicação só vai acontecer, efetivamente, se houver a compreensão entre os sujeitos envolvidos no processo comunicacional. Isso porque há a

simultaneidade entre a comunicação e a compreensão, ou seja, não se comunica o que não se compreende, pois o que não é inteligível não é comunicável.

E como se dá o processo comunicacional?

A comunicação vai além da palavra, tomando forma no processo de interação humana. Isso porque ela é "uma relação entre mim e o outro ou os demais. Por isso ela não se reduz à linguagem menos ainda à linguagem estruturada e codificada numa língua [...] é mais eficiente que esse formato" (MARCONDES FILHO, 2007, p.16).

O ser humano se comunica a todo instante, da mesma forma que respira sem parar. Em virtude dessa importância na vida humana, a comunicação se torna um processo constante que merece atenção da academia por meio de seus pesquisadores. "Processo ininterrupto, complexo e multifacetado, a comunicação apresenta desafios teóricos e metodológicos aos pesquisadores que se dispõem a entendê-la" (SANTOS, 2003, p. 9). E compreender esse processo requer atenção nos variados aspectos que o constituem. Um deles está relacionado aos elementos que o constituem.

Numa retomada da concepção clássica dos elementos do processo comunicacional, verifica-se a ideia de Aristóteles que localiza a comunicação no campo da retórica, reduzindo-a a um processo persuasivo no qual se tem como elementos: o locutor, o discurso e o ouvinte. É uma visão tradicional que vem passando por uma série de mutações, e mesmo assim não se pode dizer que está superada, considerando as variadas formas de uso do termo comunicação, principalmente nas perspectivas funcionalistas.

Outros modelos foram surgindo, como o de Lasswell que foi aprimorando a concepção aristotélica, dando enfoque aos efeitos. De acordo com esse modelo, "uma maneira conveniente para escrever um ato de comunicação consiste em responder às seguintes perguntas: Quem? Diz o quê? Em que canal? Para quem? Com que efeito?" (LASSWELL, 1978, apud ARAÚJO, 2001, p. 123-124), isso sem falar da influência do campo da psicologia na questão do estímulo-resposta. Concepções que foram e continuam sendo discutidas na busca de uma nova ordem da comunicação que seja considerada a partir de seu contexto e, principalmente, dos agentes envolvidos em seu processo.

1.1 Elementos e fases do processo comunicacional

Em Bordenave encontra-se a apresentação do processo comunicacional a partir de cinco elementos que ele classifica como básicos. O primeiro é a *realidade*, o espaço no qual a comunicação se realiza. Segundo o autor, "as pessoas não se comunicam num vazio, mas

dentro de um ambiente, como parte de uma situação, como momento de uma história" (BORDENAVE, 2006, p. 39). E isso significa que a forma de comunicar recebe influência direta da realidade na qual o processo acontece, assim como a realidade também sofre influência das dinâmicas que envolvem o comunicar.

Em segundo lugar, estão os *interlocutores*. Esses são, de forma alternada, tanto fonte de comunicação como receptores numa dinâmica que possibilita a reciprocidade dialógica entre ambos.

Tem-se em terceiro a *mensagem que é* o conteúdo que se deseja compartilhar no processo comunicacional. A materialização dessa mensagem, quer dizer, a *forma* como ela se apresenta, constitui o quarto elemento do processo, também podendo ser chamada de signos. E estes formam conjuntos denominados de códigos que possibilitam o compartilhamento da mensagem entre os interlocutores.

Como quinto elemento estão os *meios*. Em um dos exemplos dados pelo autor, ele explica que quando um artesão vai ensinar sua arte ao filho utiliza como meios sua voz, suas mãos, o barro, entre outros.

Discorrendo sobre as fases do processo comunicacional, Bordenave diz que não se pode precisar onde começa ou onde termina. Segundo ele,

> Razões internas e externas podem levar duas pessoas a se comunicarem. Embora a fase visível da comunicação possa ser iniciada por uma delas, sua decisão de comunicar pode ter sido provocada pela outra, ou por uma terceira pessoa, presente ou ausente, ou por muitas causas coincidentes (BORDENAVE, 2006, p. 41).

Por conta disso, o autor considera pouco realista qualquer tentativa de "dissecar" o processo da comunicação, porém algumas fases podem ser apontadas para ajudar nas reflexões sobre ele. Entre elas está, inicialmente, o que ele chama de *pulsação vital* – ocorre no corpo todo, mas principalmente no cérebro – fazendo parte da dinâmica interna de toda pessoa.

Outras fases, ainda segundo Bordenave (2006), seriam a *interação* – comunicação com o meio ambiente social motivada pela pulsação interna como necessidade humana; a *seleção* – etapa em que a pessoa seleciona o que quer compartilhar com outras pessoas; a *percepção* – o ser humano sente a realidade que o rodeia por meio dos sentidos e com isso percebe o que lhe é apresentado; a *decodificação* – determinação do que representam os signos apresentados; a *interpretação* – relaciona-se à compreensão não só dos signos, mas da mensagem completa que foi compartilhada a partir de um determinado contexto; a *incorporação* – quando se tem a aceitação integral ou parcial da mensagem; e a *reação* – são

os resultados da incorporação que podem ser expressos externamente ou provocar reações internas.

Estas são pistas que ajudam a compreender a comunicação e seus processos nas variadas manifestações em que podem se apresentar. Há também a busca de explicar esses processos a partir dos ritos sociais vivenciados pela humanidade.

Para Adriano Rodrigues (1997, p. 26), "os processos de comunicação são processos ritualizados que atravessam a experiência social, quer individual, quer coletiva, em que está em jogo este reconhecimento recíproco". Pressupõe-se, portanto, que esses processos surgem de relações sociais ou ritos sociais que constituem modos de dizer e de fazer.

> São, por conseguinte, sempre processos de visibilidade que têm a ver com a teatralidade da vida coletiva. [...] Nos processos comunicacionais não existe, porém, separação entre actores e espectadores [...]. Cada um dos actores é assim, ao mesmo tempo, também espectador, na medida em que a visibilidade do desempenho dos papéis é inseparável do espetáculo que os actores dão inevitavelmente de si (RODRIGUES, 1997, p. 26).

Esses processos abrangem formas diversificadas de componentes que representam atos discursivos em momentos de interação. Podem ser palavras, silêncio, gestos, posturas, assim como ações e omissões. A existência ou não de um processo comunicacional pode ser averiguada a partir da natureza de sua efetivação. De acordo com Rodrigues (1997, p. 68),

> A prova da realização de um processo comunicacional, ainda que implícito, é a sanção, positiva ou negativa, que recai sobre os interlocutores. Não dizer ou não fazer algo esperado pode merecer a aprovação ou a reprovação, de acordo com o sentido gerado pela expectativa. [...] o fato de haver sanção é a prova indiscutível de que houve processo comunicacional.

Com isso, verifica-se que a expectativa e a sanção apresentam-se como indicadores da natureza social de qualquer processo comunicacional, ato este que vai além da relação que se possa observar entre seus interlocutores. Existe, inclusive, uma "instância institucional que vigia, normaliza e sanciona o dizer e o fazer dos protagonistas das expressões e das acções trocadas [...] é algo em que mergulhamos e nos põe em cena" (RODRIGUES, 1997, p. 69) a partir da realidade em que se vive.

Os processos comunicacionais podem, então, ser entendidos como os movimentos de interação existentes entre os seres humanos que vivem realidades específicas, nas quais vivenciam seus ritos coletivos e passam uma série de fases que lhes ajudam na compreensão, no compartilhamento, na dialogicidade uns com os outros.

E ainda vale ressaltar que esses processos se constituem a partir dos aspectos culturais que circundam os seus interlocutores, considerando a natureza comunicativa da cultura que, segundo Jesus Martin-Barbero (2009, p. 289) tem "caráter de processo produtor de significações e não de mera circulação de informações, no qual o receptor, portanto, não é um simples decodificador daquilo que o emissor depositou na mensagem, mas também um produtor".

2 O RÁDIO NA SALA DE AULA - PROJETO RÁDIO PELA EDUCAÇÃO

O Projeto Rádio pela Educação – PRPE – desenvolve diversas atividades junto a escolas da rede pública municipal de Santarém. Além da produção de um programa de rádio direcionado a alunos em sala de aula, também incentiva a criação de rádios escolares com apoio na aquisição de equipamentos e capacitação de alunos e professores para a execução das programações dessas rádios internas.

Este trabalho destaca a produção do programa - Para Ouvir e Aprender, veiculado na programação normal da emissora em três dias da semana, nos horários da manhã e da tarde. Esse programa de meia hora é ouvido em sala de aula por alunos do 1º ao 5º ano, fazendo parte das práticas pedagógicas das atividades escolares. O Para Ouvir e Aprender tem catorze quadros que são produzidos com a participação de vários agentes, como: alunos[4], professores, gestores das escolas, lideranças comunitárias, especialistas. São reportagens, entrevistas, radionovelas, debates, entre outras produções, que procuram envolver esses agentes.

Um dos principais quadros do programa, denominado Sessão Pedagógica, é produzido a partir de um Guia Pedagógico do Professor[5] que os professores recebem com as temáticas dos programas e orientações para o desenvolvimento de atividades com os alunos.

2.1 A Sessão Pedagógica

Esse quadro do programa de rádio é o que aponta a ligação direta do processo destacado neste artigo. É a sessão fixa de todas as edições do programa e sempre encerra a

[4] A participação dos alunos no programa tem um destaque na Rede de Repórteres Educativos formada por alunos das escolas envolvidas no PRPE. Meninos e meninas recebem capacitação e equipamentos (gravadores) para produzirem entrevistas e reportagens nas suas escolas/comunidades. O material é veiculado no programa de rádio Para Ouvir e Aprender.

[5] O Guia Pedagógico é uma espécie de cartilha, manual do professor, que contém músicas e textos veiculados na sessão pedagógica. O Guia também apresenta sugestões de atividades didático-pedagógicas para se desenvolver com os alunos a partir do programa de rádio. O Guia é produzido pela própria equipe do PRPE com apoio técnico da Secretaria Municipal de Educação e da Universidade Federal do Oeste do Pará, desde quando ainda era um campus da Universidade Federal do Pará.

produção radiofônica e tem uma das partes registrada no Guia. O que está na cartilha, e que os professores podem ler antes de o Para Ouvir e Aprender ir ao ar, é o gênero textual a ser usado em cada programa e as sugestões de atividades com ele, além de informações adicionais. O roteiro com as falas dos locutores é sempre produzido a cada semana e é desenvolvido de acordo com a pauta feita pela equipe de produção.

Nesse quadro do programa de rádio, os locutores fazem uma apresentação do gênero textual a ser trabalhado naquele dia (ou naquela aula); fazem uma relação da temática com questões do dia-a-dia e motivam professores e alunos para que continuem as atividades depois do programa. O entendimento da produção é que os professores tenham lido as orientações do material antes e tenham elaborado sua aula a partir das sugestões de atividades contidas nele. Ou ainda, mesmo incentivando o uso do guia, a equipe dá liberdade para que os professores façam uso do conteúdo da cartilha de acordo com sua criatividade, ou a partir das realidades em que vivem.

3 OBSERVAÇÕES SOBRE O PROCESSO COMUNICACIONAL

O foco que se dá para a análise do processo comunicacional é a dinâmica que envolve a Sessão Pedagógica, que no programa de rádio é um quadro específico, no Guia Pedagógico é um conteúdo sugerido para o processo de ensino-aprendizagem, e que na sala de aula motiva um espaço criativo vivenciado pelos professores e pelos alunos.

Essa é a dinâmica que acompanha o percurso das análises propostas neste artigo a partir de quatro categorias:

3.1 Os agentes do processo comunicacional

Surgem como agentes mais diretos envolvidos nesse processo o grupo de profissionais que trabalha na produção do programa, crianças e adolescentes que formam o grupo de locutores mirins, e ainda os professores e alunos que ouvem o programa em sala de aula. Além destes, outros agentes poderiam ser citados (como a direção da emissora de rádio, as direções das escolas ou as famílias das crianças, como também pessoas que participam indiretamente das produções ou que ouvem o programa de rádio), mas eles não foram selecionados para este momento de reflexão.

Rodrigues (1997, p. 26) aponta que “os processos de comunicação são processos ritualizados que atravessam a experiência social, quer individual, quer coletiva, em que está em jogo este reconhecimento recíproco”. Os agentes são elementos integrantes deste processo

com suas experiências e suas possibilidades de participação. Pressupõe-se, portanto, que esses processos surgem de relações sociais ou ritos sociais que constituem modos de dizer e de fazer.

Em vista disso, identificou-se a presença de um grupo variado de agentes, ou atores como fala Rodrigues, participando do processo. São pessoas com experiências culturais diferenciadas, com formação em áreas diversas; crianças e adolescentes inseridos em modos de vida bem variados a partir de suas origens ou se seus lugares de convivência; professores que também comungam dessas mesmas perspectivas e que assim formam um conjunto diversificado envolvido nesse processo.

Observa-se que, na elaboração do programa, há um envolvimento significativo de alunos e professores, que num primeiro momento podem ser considerados apenas receptores, mas que também atuam na emissão das mensagens produzidas no programa de rádio, mesmo que seja em momentos pontuais e sempre definidos ou editados pela equipe de produção. São os *interlocutores*, como aponta Bordenave (2006), que falam entre si e que, de forma alternada, são tanto fonte de comunicação quanto receptores.

Quanto à equipe de produção do programa de rádio, esta é formada por profissionais ligados às áreas da educação e da comunicação com formação acadêmica e experiências com a mídia rádio.

3.2 Escuta individualizada na sala de aula

As formas como os ouvintes se apropriam da produção do programa de rádio são elementos que se inserem na complexidade do uso que se faz do rádio no ambiente escolar.

Tomando como referência Martín-Barbero, verifica-se a importância de fazer uma diferença do uso que se observa aqui, ao que se chama de ‘usos e gratificações’ na perspectiva das pesquisas em comunicação que se baseavam ou se baseiam nos efeitos e reações dos receptores. A perspectiva buscada para esta reflexão é

> [...] re-situar sua problemática no campo da cultura: dos *conflitos* articulados pela cultura, das *mestiçagens* que a tecem e dos *anacronismos* que a sustentam, e por fim do modo com que a hegemonia trabalha e as resistências que ela mobiliza [...] (MARTIN-BARBERO, 2009, p. 302).

Os agentes ouvintes fazem parte de um conjunto complexo de formação cultural, considerando o meio social em que se situam, as experiências diferenciadas nos contextos comunitários ou familiares, principalmente. Esses são aspectos importantes da realidade na qual a comunicação se realiza.

> As pessoas não se comunicam num vazio, mas dentro de um ambiente, como parte de uma situação, como momento de uma história [...] Tudo isto – o passado, o presente e o futuro – está presente no mais simples ato de comunicação. A realidade influi sobre o comunicar e o comunicar influi sobre a realidade (BORDENAVE, 2006, p. 38).

Essa realidade, no caso do processo observado, configura uma pluralidade considerando os diversos ambientes e agentes envolvidos. Essa pluralidade pode ser observada, por exemplo, na forma como os ouvintes acompanham o programa de rádio. Uns ouvem com mais atenção, outros acompanham sempre distraídos com atividades variadas, ou ainda, essa variação depende do que se apresenta nos quadros do programa.

E a partir dessa perspectiva, pode-se perceber que há conteúdos que atraem mais que outros e que os ouvintes dão mais atenção ao que lhes interessa. Martín-Barbero (2009, p. 303) diz que "pode-se observar uma gama de usos que não tem a ver unicamente com a quantidade de tempo dedicado, mas com o tipo de tempo, com o significado social deste tempo".

A forma como os ouvintes, tanto professores quanto alunos, fazem uso do que ouvem no rádio é sempre definida pela compreensão que estes têm do mundo que os cerca, ou seja, está baseada nas experiências vividas que lhes possibilitam as diversas formas de interpretação. De acordo com Bianchi (2005, p. 298),

> Considera-se então que esta é uma zona de alta complexidade: ambígua, mutável, que se relaciona com uma série de instâncias que compõem o cotidiano, sendo perpassadas por muitos e diferentes processos. Em sua constituição, os meios de comunicação exercem um papel fundamental, e nesse caso mais pontual, considerando-se toda a especificidade do rádio.

Por conta disso, num polo produtor de informações não se pode prever como um polo receptor vai apreender o que se apresenta, considerando a complexidade que permeia tal apreensão. Como diz Bianchi (2005, p. 297), "a experiência do consumo radiofônico não é um ato acabado. Mudam-se os ouvintes, modificam-se suas vidas, transformações dinâmicas acontecem a todo tempo".

3.3 Professores como mediadores no processo

Nesse processo comunicacional, no qual se apresenta a interação entre o programa de rádio, o guia pedagógico e a prática vivenciada na sala de aula, observou-se a posição mediadora que os professores ocupam no seu desenvolvimento.

Entre o que é proposto pelo PRPE, por meio do programa e do guia, e o que acontece na escola é o professor que estabelece uma relação de mediação, considerando esta como "filtros de negociação de sentido, espaços estes influenciados por um contexto sociocultural específico" (SETTON, 2010, p. 72). Mesmo reconhecendo que há situações em que os alunos influenciam o direcionamento de atividades e discussões na sala de aula, de forma predominante se tem o professor filtrando os assuntos, as abordagens e as atividades propostas na metodologia do Rádio pela Educação, por meio do guia e do programa de rádio, a partir das suas próprias experiências.

Verifica-se aí uma alternância de posições. Num momento, o professor está na recepção, quando recebe os conteúdos do programa de rádio e do guia pedagógico, e em outro está na emissão quando direciona o que será discutido na sala de aula junto com os alunos. As sugestões são dadas, os conteúdos veiculados, mas é a partir da mediação feita pelo professor que as atividades fluem na sala de aula, tanto que, como visto em observação das aulas nas escolas, em muitas ocasiões as sugestões são adaptadas ou, até mesmo, ignoradas para se desenvolver atividades diferentes com base na realidade da escola, da turma ou daquele dia de aula.

Numa perspectiva de comunicação a partir de Freire (1985), esse processo expressa uma co-participação dos sujeitos no ato de pensar sobre o que acontece com a inserção de atividades na sala de aula a partir do que o programa de rádio motiva e o que o guia sugere. Isso se dá porque "o sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a co-participação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto" (FREIRE, 1985, p. 45), ou seja, a produção do programa de rádio que também está presente na produção do guia, nesse processo comunicacional não pode pensar sozinha sobre o que deve acontecer na sala de aula, precisa ter a co-participação dos demais sujeitos que, nesse caso, são os professores e os alunos.

3.4 Perspectiva dialógica na dinâmica do processo

Em Freire (1985), verifica-se a defesa da perspectiva dialógica no processo educacional, o que também se direciona ao processo comunicacional. Ele diz que o objeto do pensamento não é um simples comunicado que um sujeito pode depositar na cabeça de outro sujeito, transformando-o em paciente. É a comunicação que assegura a presença do diálogo nesse processo de relação. "O que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo (FREIRE, 1985, p. 45).

E será que se pode identificar essa perspectiva no processo comunicativo que leva um programa de rádio para a sala de aula? O educador diz ainda que "a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados" (FREIRE, 1985, p. 46).

Observando as atividades das turmas, identificaram-se alguns pontos que podem levar a sinais dessa perspectiva dialógica. Quando o programa está no ar, alunos e professores na sala de aula ouvem o que está sendo apresentado pelos locutores. Em alguns momentos, há, inclusive, certa interação, como a leitura conjunta de um texto (locutor, professores e alunos) e reações diversas quando ouvem uma música mais animada, quando escutam uma radionovela que acham interessante, ou quando acompanham as leituras das cartas e começam a falar comentando o que estão ouvindo.

Quando o programa acaba, o processo toma outra dimensão: na sala de aula se desenvolvem dinâmicas que mesclam o que está proposto no guia pedagógico com ideias dos professores a partir das realidades dos alunos. Verificou-se nas turmas observadas, que após o programa de rádio, os professores começam a fazer perguntas aos alunos sobre determinados pontos dos quadros promovendo a aula em forma de conversa, buscando entender como as crianças apreenderam os conteúdos do programa.

A partir dessa observação inicial (olhando o que o guia pedagógico propõe, o que o programa apresenta e o que o professor faz em sala de aula), viu-se, por exemplo, que há uma dinâmica motivadora de práticas pautadas no diálogo, a partir da interação entre os assuntos que são apresentados no rádio e as orientações recebidas pelo guia com as atividades desenvolvidas na escola junto com os alunos que, em maneiras diversas também participam gerando questionamentos, expondo seus entendimentos, e construindo informações novas a partir das suas próprias realidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na contemporaneidade, as mídias são consideradas como agentes de socialização, isso porque elas atuam difundindo valores, novas formas de relação, padrões de comportamentos, referências identitárias, noções que há algum tempo estavam muito mais ligadas às agências tradicionais de socialização como a família, a escola ou a igreja.

Hoje as mídias agem simultaneamente e "podem, portanto, conviver e coexistir desenvolvendo práticas comuns ou práticas muito discordantes" (SETTON, 2010, p. 8), sendo uma realidade presente.

Neste trabalho, observa-se a presença da mídia rádio como atuante nesse papel de agente de socialização, principalmente com a proposta desenvolvida nas ações do PRPE que oferecem o rádio como recurso pedagógico nos ambientes escolares da região. Setton (2010), relacionando a prática das mídias com a prática pedagógica, afirma que estas se desenvolvem a partir da troca de sentidos e de valores, intercâmbio que faz parte dos processos educacionais.

A autora entende a socialização como "uma dimensão da formação humana propiciada por instâncias produtoras de cultura e tem como tarefa primordial a transmissão de ideias e valores" (SETTON, 2010, p. 15), sendo também vista a partir do conjunto de experiências que os indivíduos vivenciam em sua vida social e que norteiam sua forma de ver o mundo.

Nessa experiência, por meio do rádio, são repassados valores, pontos de vistas, expressões culturais que chegam às salas de aula e são, de acordo com os direcionamentos dos professores, debatidos ou mesmo expostos aos alunos, tanto na sessão pedagógica quanto nos demais quadros do programa.

Esse processo pode levar esses sujeitos a formas de identificação. Verifica-se que os agentes envolvidos, principalmente alunos e professores, em alguns dos quadros do programa se apropriam do direito de se comunicar por meio do rádio, onde podem ter suas vozes propagadas ou reconhecidas. Pode-se inferir, então, que a adesão às experiências educacionais com o rádio pode fazer parte de um movimento maior de identificação, no qual as pessoas que participam diretamente, ou mesmo as que se sentem representadas por ouvir no programa de rádio as vozes de seus semelhantes, identificam nessas experiências um espaço para serem ouvidas e reconhecidas pelos que estão de fora dessas realidades.

Esta identificação se configura em um processo de socialização por conta dos valores e dos sentidos de participação em sociedade que despertam por meio da presença do rádio nas escolas. Novas dinâmicas surgem nas interações entre professores, alunos, comunidade e sociedade, em um movimento contínuo a partir dos elementos do processo comunicacional desenvolvido com o Rádio pela Educação e dos demais processos que se constroem a partir desse movimento.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos Alberto. A pesquisa norte-americana. In: **Teorias da Comunicação:** conceitos, escolas e tendências. Antonio Holfeldt, Luiz C. Martino, Vera Veiga França (orgs). Petrópolis: Vozes, 2001.

BIANCHI, Graziela. A escuta popular por Maria Cristina Matta. In: **Teorias do Rádio:** textos e contextos. Eduardo MEditsch (org). vol 1. Florianópolis: Insular, 2005, p. 297-301.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é comunicação.** São Paulo: Brasiliense, 2006. – (Coleção Primeiros Passos; 67)

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 8ª. Ed (trad. Darcy de Oliveira). São Paulo: Paz na Terra, 1985. Acervo digital da Biblioteca Central da UFPB.

GUIA PEDAGÓGICO DO PROFESSOR. Vol. 09/Projeto Rádio pela Educação/ Programa Para Ouvir e Aprender. Santarém: Gráfica e Editora Tiagão, 2011.

KAPLÚN, Mario. **Una pedagogía de la comunicación**. Madrid: Ediciones de la Torre, 1998. Disponível em http://pt.scribd.com/doc/6881539/Mario-Kaplun-Una-Pedagogia-de-la-comunicacion. Acesso em 31 de outubro de 2012.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Até que ponto, de fato, nos comunicamos?** ed. 2. São Paulo: Paulus, 2007.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 6.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

PROJETO RÁDIO PELA EDUCAÇÃO - Fortalecimento do "Para Ouvir e Aprender" e criação de rádios internas em escolas municipais do baixo amazonas (apresentado ao projeto Criança Esperança). Santarém, 2008.

_____. Relatório de atividades. Santarém, 2012.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da Comunicação.** 2ª Ed. Lisboa:

SANTOS, Roberto Elísio dos. **As Teorias da Comunicação – da fala à internet**. São Paulo: Paulinas, 2003.

SETTON, Maria da Graça. **Mídia e Educação.** São Paulo: Contexto, 2010.